

ENTREVISTA

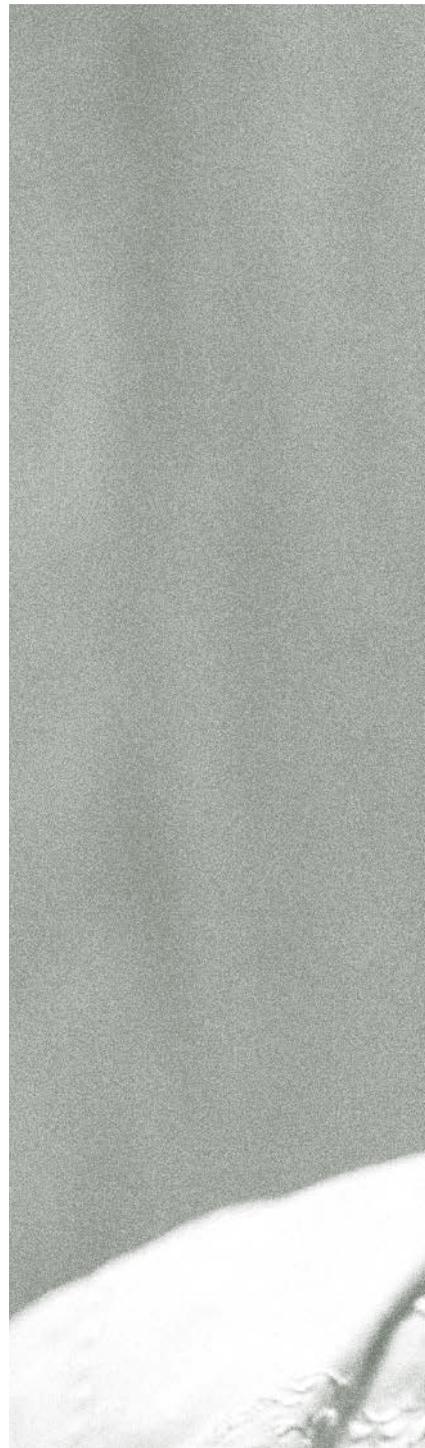
CALOSI MALONGA

65 anos, refugiado

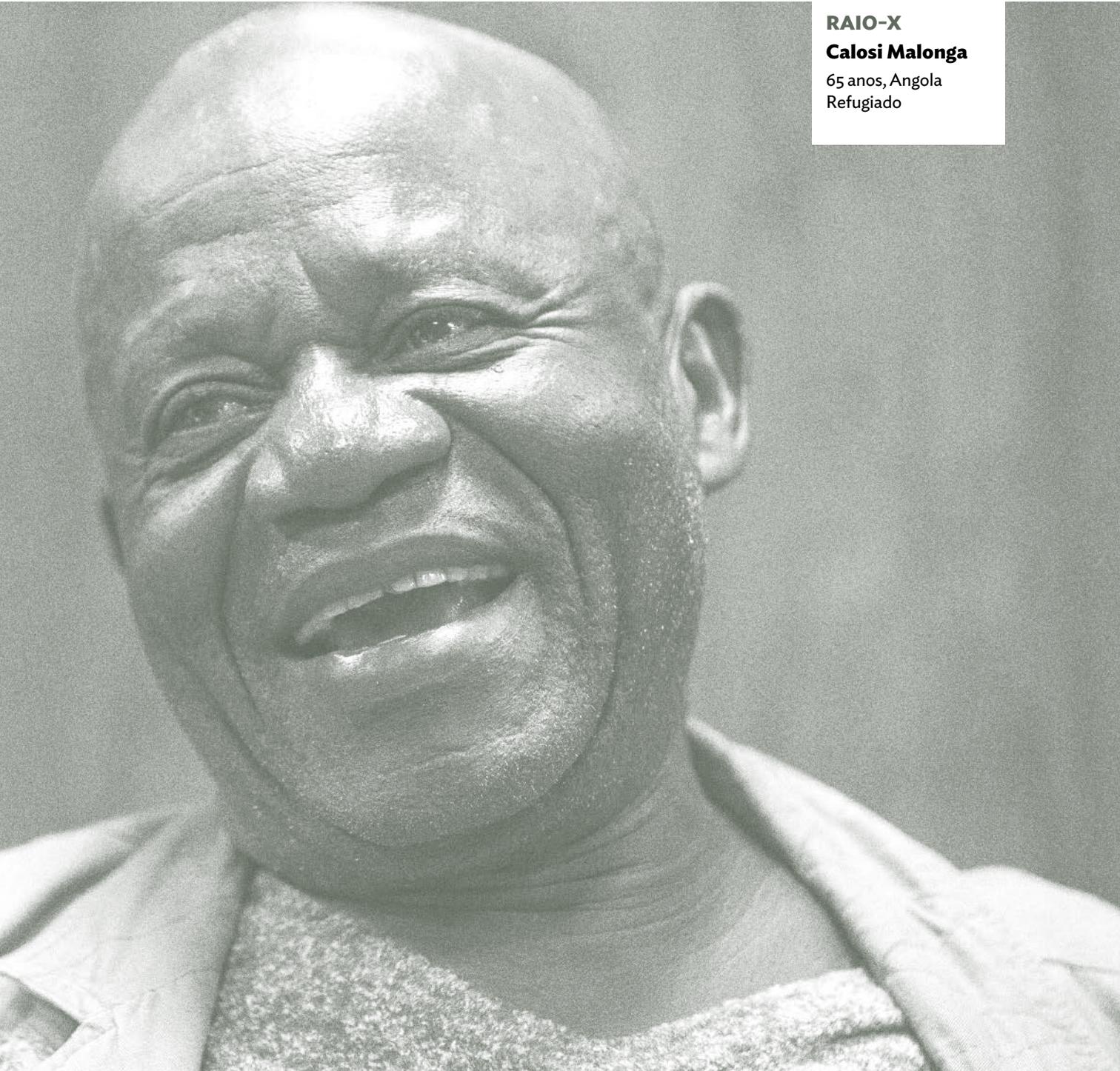
“Eu vou viver aqui.
Para mim, esse
viver já é tudo.”



Calosi Malonga nasceu em Angola e viveu grande parte de sua vida na República Democrática do Congo. Nossa entrevista aconteceu em clima de uma “pequena babel” fluente em francês, aprendiz do português, Malonga lançou mão do *lingala* – língua falada em grande parte do Congo e algumas regiões de Angola e da república Centro-Africana – para contar sua história e como as circunstâncias da vida o trouxeram, como refugiado ao Brasil, país que escolheu para envelhecer!



RAIO-X
Calosi Malonga
65 anos, Angola
Refugiado



A refugiado Calosi Malonga, durante a entrevista

FOTOS: ALEXANDRE NUNIS

Colônia da Bélgica até 1960, denominado Congo Belga, a República Democrática do Congo carrega uma história de conflitos. Com uma população atual de 82 819 171 habitantes¹ o país possui fronteiras demarcadas ao norte com a República Centro-Africana e com o Sudão do Sul, a leste com Uganda, Ruanda, Burundi e a Tanzânia, a leste e a sul com a Zâmbia, a sul com Angola e a oeste com o Oceano Atlântico.

MAIS 60 Sr. Malonga, obrigada por aceitar nosso convite para esta entrevista. Para que nossos leitores possam conhecê-lo, conte um pouco de sua história.

CALOSI MALONGA Minha história é muito antiga ((risos)), porque nasci em 1952, em Angola. Meu pai era congolês e minha mãe angolana. Estudei, fiz curso médio, mecânica, depois, fui para a tropa.

Foi para a tropa quer dizer que ingressou no exército? Em que ano?

Sim, entrei para o exército em 1972, no Congo. Fiz formação militar, em Israel. Treinamento militar.

Foi no século XIX que ações imperialistas – ou neocolonialistas – implantaram colônias como a que possibilitou tornar o Congo, no centro do continente africano, de 1885 a 1908 propriedade privada do rei Leopoldo II da Bélgica e ter seu território e população brutalmente explorados. Naquele momento, denominava-se “Estado Livre do Congo” e tal colonização foi ratificada pela Conferência de Berlim de 1885, que teve como objetivo “dividir” o continente entre as potências coloniais europeias.

¹ Disponível em http://countrymeters.info/pt/Democratic_Republic_of_the_Congo. Acesso em 07.out.2017.

A partir de 1908, após contínuas denúncias internacionais de atroz e abominável abuso contra a população, a Bélgica assume o Congo como colônia. Somente em 1960 o país torna-se independente, passa a chamar-se República do Congo, dando início, porém, a outro ciclo de instabilidade política. A partir de 1964 tem o nome alterado para República Democrática do Congo.

Esteve no exército durante o período de governo de Mobutu? Naquele momento, o país chamava-se Zaire?

Sim a mudança do nome foi durante o governo de Mobutu. Recebi treinamento militar durante seis meses, em Israel e depois mais um tempo na Bélgica. Ao retornar ao país ainda como militar ocupava a função de motorista.

Serviu ao exército até que ano?

Até 1992. Foi quando fugi do Congo para Angola sozinho. Lá permaneci com minha mãe, na verdade, com a família da minha mãe.

Mobutu permaneceu no poder até 1997. Você fugiu para Angola e lá ficou até quando e, como ex-militar, o que fez para viver?

Em Angola vivi até 2006 e trabalhei com comércio.

Mobutu Sese Seko assumiu o governo em 1965 e propôs um regresso às tradições africanas, entre outras medidas alterou o nome do país para Zaire. O nome República Democrática do Congo retornou em 1997, após a deposição de Mobutu por Laurent-Desiré Kabila.

Angola, também passou por um período convulsionado. O senhor viveu uma vida cheia de riscos, não?

Sim. Um trabalho de risco.

De risco, primeiro, como militar em um país convulsionado, com muitos conflitos, depois em Angola, que também passou por períodos delicados em sua política interna.

Sim, mesmo em minha vida trabalhando no comércio – lidando com dinheiro – corri risco com assaltantes de todo tipo. Viajava constantemente para negócios em Luanda, capital de Angola, o percurso era cheio de perigos.

O senhor nunca sofreu um acidente mais grave?

Sim, apenas um acidente no tempo em que fui militar no Congo. Foi um acidente com um tanque mas, nada grave.

Quando o senhor veio para o Brasil e o que o motivou a vir para cá?

Vim em 2006. A vida em Angola não estava boa, muita crise. Senti necessidade de sair daquele país, e com isso, escolhi o Brasil para morar.

Decidiu vir para o Brasil em busca de uma nova vida!

Na verdade eu fugi para cá quando houve a mudança de governo, quando Laurent-Desiré Kabila assumiu o governo.

Aqui no Brasil, chegou direto em São Paulo?
Sim.

E tinha alguém para te receber aqui?

Minha filha vivia aqui no Brasil, com seu marido e filhos. Ela me recebeu. Hoje ela mora na Bélgica.

Adaptou-se facilmente ao Brasil?

Bem, eu estava muito bem enquanto minha filha estava aqui. Eu ficava em casa com os netos e assim passavam os dias. Com a partida dela para a Bélgica me senti muito sozinho. Além disso, como não sei falar português muito bem, tudo fica mais difícil mas, vou me virando.

Mora sozinho?

Hoje vivo na Casa do Migrante.

Na “Casa do Migrante”, em São Paulo, a maior parte dos acolhidos são imigrantes e/ou solicitantes de refúgio. Em suas dependências, além de alojamento, são promovidas ações com objetivo de ampliar a sociabilização, a convivência e o intercâmbio cultural. Cursos de português também são ministrados aos imigrantes e pessoas solicitantes de refúgio.

Então, na verdade, o senhor vai tentando se adaptar, viver neste país mesmo sem conhecer bem a língua, vai tentando aos poucos refazer sua vida.

Sim, sim. Muito aos poucos ((risos)).

O ACNUR e a Cáritas concedem apoio às pessoas refugiadas, não é mesmo? O senhor tem relação com essas instituições?

Sim. Essas organizações auxiliam na busca de documentação, acolhida, transporte. Também, na busca por trabalho.

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados foi criado pela Assembleia Geral da ONU em 1950, tem como objetivo básico a proteção às pessoas refugiadas. No Brasil, em cooperação com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), ligado ao Ministério da Justiça, auxilia na organização da documentação e nas informações sobre os benefícios das políticas públicas de educação, saúde e habitação. O ACNUR atua, também, em parceria com diversas ONGs.

A Cáritas Brasileira, criada em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, faz parte da Rede Cáritas Internacional, presta serviços de acolhida e integração às pessoas refugiadas em parceria com o ACNUR e Ministério da Justiça.



“Eu vou viver aqui. Para mim, esse viver já é tudo. A minha saúde está boa, quero trabalhar para ter algum dinheiro, para construir uma vida.”



Como é seu cotidiano, o que o senhor faz no dia a dia?

Por enquanto, não faço nada. Não consegui trabalho. Faço pequenos bicos. Encontrar trabalho está muito difícil.

O senhor frequenta os espaços apoiados por essas organizações? No Sesc, por exemplo, em parceria com a Cáritas são ministradas aulas de português. Há atividades culturais.

Sim, frequento aulas de português mas, gosto e prefiro ficar sozinho.

Frequenta alguma igreja?

Não frequento a igreja católica. Sou mulçumano. Vou à mesquita.

Criou algum grupo de amigos na mesquita?

Convivo com algumas pessoas mas, no dia a dia estou sozinho. Estou em busca de trabalho. Vou à Mesquita do Anhangabaú, do Pari, da Bela Vista e na Avenida do Estado.

Além do apoio da Cáritas e da Casa do Migrante, o recebe ajuda de mais alguém, de sua filha?

Não.

Tem outras pessoas de sua família aqui no Brasil?

Não.

Como é a vida longe de casa? Como é envelhecer em outro país, em outra cultura?

Bem, em Angola perdi minha casa em um incêndio, fiquei sozinho, se voltar posso morrer, e é por isso que eu não volto mais lá. Quero ficar aqui. O importante é que minha filha já está na Bélgica, em segurança e bem e eu estou aqui. Não preciso voltar mais para a África.

O senhor tem mais de 60 anos. Qual a diferença entre ter mais de 60 anos em Angola e aqui no Brasil? Percebe alguma diferença no tratamento aos mais velhos entre Angola e aqui no Brasil?

A África é muito pobre e sofre com conflitos há décadas. Aqui no Brasil há mais recursos para os velhos.

O que quero dizer é que uma coisa é a dificuldade econômica e situação histórica de exploração, com dificuldades de políticas sociais. Outra questão é o tratamento dado aos velhos, respeito, cuidado. Por exemplo, no Brasil sabemos dos preconceitos que cercam o velho e o envelhecimento. Como é essa questão em Angola?

Ah isso mudou e muito. Antigamente, os velhos eram mais respeitados. A família cuidava mais. Hoje não, cada um faz a sua vida, com a própria família que constitui.

O senhor acha que aqui no Brasil vai conseguir envelhecer com mais qualidade de vida?

Eu vou viver aqui. Para mim, esse viver já é tudo. A minha saúde está boa, quero trabalhar para ter algum dinheiro, para construir uma vida. Aqui no Brasil há mais recursos para os velhos. As pessoas morrem bem cedo na África.

Aqui no Brasil, a expectativa de vida para os homens é em torno de 72 anos variando um pouco de região para região. Você tem ideia da expectativa na África?

Na África acho que em torno de 65 anos, não sei. Há muita dificuldade, muita tristeza, até tristeza causa doença. Você não para de pensar no amanhã. Se terei algo para comer? Se meu filho terá o que comer? Essa a diferença! Aqui posso pensar “Minha filha está bem!”

O senhor tem algum hábito cultural que trouxe e consegue realizar aqui no Brasil? Algo que o ligue culturalmente à África? Alimentação, música...

Arroz, feijão, gostava muito e aqui também tem. Não sou ligado à música. Gosto de esporte, luta, judô, karatê. Treinava muito durante meu período no exército.

O que o senhor espera do futuro?

Nada, só a morte.

Mas antes da morte há vida...

Eu vou fazer o quê? Me preocupo porque ainda não tenho trabalho. Tenho 65 anos e tenho medo de não conseguir trabalho.

E o que gostaria de fazer aqui? Que tipo de trabalho?

Qualquer trabalho, o que eu conseguir.

Mas um desejo, assim... Se pudesse escolher.

Qualquer trabalho. Qualquer trabalho, posso fazer.

O senhor vê muitos velhos aqui no Brasil?

Muitos. Vejo muitos na Praça da Sé, dormindo na rua em colchões. Vejo, também, muitos negros na rua, mesmo jovens. A situação dos mais velhos daqui que estão na rua não é boa.

O senhor teve oportunidade de conhecer muitos lugares no Brasil?

Não. Fico o dia todo na “Casa do Migrante”. Só saio para ir à mesquita.

O senhor gostaria de falar mais alguma coisa? Sobre sua vinda para o Brasil, tem algum desejo, já que escolheu o Brasil para envelhecer!

Aqui, eu vivo bem, para o futuro eu só quero trabalho e, talvez, encontrar uma companheira.

Se pensa no futuro e quer encontrar uma companheira, pensa em algo mais do que trabalho, que é sobrevivência, mas, também, de reconstruir a vida.

Sim, isso mesmo. Eu estou pronto para isso.